

POLÍTICA

ALÉM DA NOTÍCIA

Sarney

O sofrido discurso

O presidente Sarney preparou-se para o pronunciamento de ontem à noite com rara atenção, como se o destino do Governo dele dependesse, na forma de busca do apoio nacional indispensável à renegociação da dívida externa com altivez. Tudo foi jogado ontem à noite: a necessidade do fortalecimento do mandato tácito conferido ao Presidente, o qual se legitima nas atitudes corajosas e na capacidade que Sarney demonstra para tangenciar a visão do abismo.

Os assessores presidenciais debateram intensivamente a forma do pronunciamento, para que o chefe do Governo obtivesse o melhor proveito possível da mídia eletrônica, na sua didática contra o caos. Foi um ato destemido de um Presidente que não se deixa acuar, e que revela poder invejável de reação, quando é levado ao canto do ringue. Sempre foi assim, por exemplo, com o deputado ("bossa-nova da UDN"), governador (batalhas antivitorinismo) e senador (rompimento com o PDS e o governo Figueiredo).

No mais, as pesquisas vão indicar, nos próximos dias, se a população aprovou o pronunciamento, e se voltou a confiar em Sarney, depois de ter despencado nos índices de popularidade. Até ontem à noite, sobreexistia o cone de silêncio entre o Presidente da República e o Plano Cruzado II, cujo esclarecimento popular coube nessas duas semanas de vigência aos ministros econômicos, com rara incompetência. Sarney, ontem, terá recobrado a eficiência das intervenções do Governo, tendo para isso se dedicado como um paciente e aplicado estadista em busca da perfeição da forma.

Os adversários — de todos os matizes — rondavam o Planalto na hora da fala, como à cata de um mal passo presidencial para tentar impingir-lhe o pior dos castigos que um político pode sofrer — a redução dos espaços de sua missão. Sarney, ontem, não somente quis libertar o Plano Cruzado do julgamento precipitado, e no seu entender desproporcionado nas reações críticas que provocou contra o Governo. Ele quis deixar, sob luz clara, face a face à Nação, que preparou para a tarefa de governar o País como manda a Constituição.

DISCORDÂNCIA ABERTA

As palavras de ordem de rompimento do PFL com o Governo passam a não mais ser disfarçadas, e agora perseguem uma rota de colisão aberta. A bancada de Alagoas cita o exemplo do ministro Raphael de Almeida Magalhães, que nos últimos dias da campanha eleitoral teria substituído quadros da Previdência, ligados aos liberais, pelos do PMDB. O deputado Thomaz Nonô, revoltado, prega a constituição de um bloco próprio dos insatisfeitos — quase todos — para mudar o sistema de lideranças fiel ao Palácio do Planalto, e isolar no Governo os ministros aderentes ao regime de tutela do PMDB. Há um movimento para que o próprio Nonô seja o líder em lugar do — aderente — José Lourenço.

TRÊS NOMES PARA O FUTURO

O secretário de Ação Comunitária Aníbal Teixeira, o secretário particular Jorge Murad, e o deputado Prisco Viana, não ficaram fora de qualquer relação a sério de candidatos potenciais ao Gabinete Civil caso o ministro Marco Maciel resolver voltar ao Senado.